



marulho – cildo meireles

tratado de limites – mariana camargo

6<sup>a</sup>

Bienal do Mercosul

8<sup>a</sup>



CAP5028 - DESLOCANDO O CÂNONE

Prof<sup>ª</sup>. JULIA BUENAVENTURA

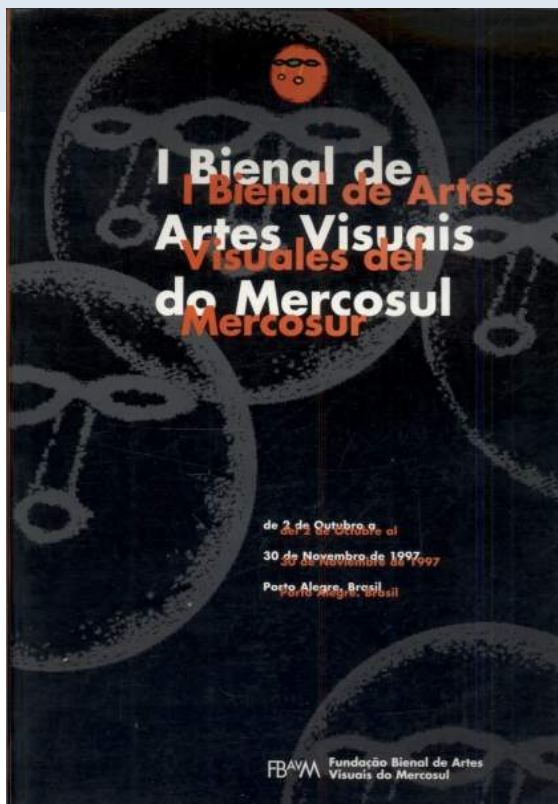
ALESSANDRO SBAMPATO

ANNA VELIAGO

## Origem da Bienal do Mercosul

- 1994** A produtora cultural Maria Benites Moreno elabora anteprojeto para uma Bienal do Cone Sul. Ao mesmo tempo, um grupo de artistas formado por Caé Braga, Gustavo Nakle, Maia Menna Barreto, Nelson Jungbluth, Maria Tomaselli, Paulo Olszewski, Paulo Chimendez, Manolo Doyle e Wilson Cavalcanti discutia o intercâmbio entre a América Latina
- 1995** reunião entre Governo do Estado, Secretaria de Estado da Cultura e Gerdau, no apartamento de Jorge Gerdau, para a proposta de uma Bienal de Artes Visuais
- 1996** Posse da comissão técnica: representantes do Governo do Estado, Prefeitura de Porto Alegre, empresários, artistas e entidades de classe (Fiergs, Federasul e Farsul); Fundação Bienal do Mercosul – 7 empresários
- 1997** Lei de incentivo à cultura e Bienal em setembro do mesmo ano

Apesar da gênese empresarial e oficial, a 1ª Bienal do Mercosul teve méritos, iniciando uma sequência de êxito, com um projeto curatorial claramente definido, buscando um grande recorte de arte latino-americana, a partir de uma perspectiva histórica, ainda que restrito a **Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai, Uruguai e Venezuela**



**8 curadores** **Frederico Morais** (Brasil), **Irma Arestizabal** (Argentina), **Pedro Querejazu** (Bolívia), **Justo Pastor Mellado** (Chile), **Tício Escobar** (Paraguai), **Angel Kalenberg** (Uruguai), **Roberto Guevara** (Venezuela) e **Frederico Magalhães** (Brasil)

**800 obras / 200 artistas / 12 espaços expositivos**

**3 vertentes**

**Construtiva** - A arte e suas estruturas

**Política** - A arte e seu contexto

**Cartográfica** - Território e história

**2 segmentos**

obras de **jovens artistas**

obras de **coleções públicas e privadas** do Brasil

**2 homenageados**

**Xul Solar**

**Mário Pedrosa**

**2 seminários**

**utopias latino-americanas**

**visão do hemisfério norte sobre a arte latino-americana**

“Declaradamente desde a sua 5ª edição, a Bienal do Mercosul segue um movimento ideológico onde “as distinções locais tendem a ser desfeitas para se tornarem legíveis a um público cosmopolita”. Mas, em 1997, quando da 1ª Bienal do Mercosul, curada por Frederico Morais, o eventual cosmopolitismo vislumbrado exigia, primeiro, o reconhecimento da necessidade de re-escritura da história da arte numa perspectiva não euro-norte-americana. Em boa medida seria possível, com a BAVM, reparar os erros da I Bienal Latino Americana, realizada em São Paulo em 1978, considerada, pelo próprio Morais, uma iniciativa mal-conduzida, ideologicamente subalterna e pouco afirmativa para a arte daqui. Assim, 19 anos depois, sob o epíteto de “a maior mostra de arte da América Latina” enfatizava-se a curadoria contra-hegemônica da 1ª Bienal do Mercosul, empenhada numa revisão histórica inédita e reveladora.

Motivados para essa empreitada, tanto na 1ª edição quanto ao logo das BAVM, cada curador convidado, na introdução de suas escolhas, interpreta as condições de produção artística moderna e, principalmente, contemporânea na América Latina, de forma muito semelhante. Além disso, e apesar de todas as considerações (registradas em catálogos) sobre a globalização econômica e as pressões hegemônicas oprimindo os artistas periféricos, também não se destaca na fala desses curadores as implicações estéticas mais diretamente derivadas dessa situação em seus contextos locais. Quer dizer: ainda que, para os curadores, sejam evidentes as pressões do mercado, há pouca análise da produção que eventualmente reage a elas (se é que existem) no âmbito das bienais e, menos ainda, das possibilidades e ou estratégias de consagração e legitimação desses artistas alternativos. Parece que, mesmo com ressalvas ou silêncios, todos concordam com o modelo bienal como forma de projeção internacional.”

Fonte: KNAAK, Bianca. *Arte e Política em trânsito: Bienais do Mercosul*, VI EHA – Encontro de História da Arte – UNICAMP, 2010.  
[http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2010/bianca\\_knaak.pdf](http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2010/bianca_knaak.pdf)



# 6ª Bienal do Mercosul - Porto Alegre 2007

23 países / 67 artistas / 350 obras

79 dias / 590.000 visitantes

**Curadoria Geral**

**Curadoria Educativa**

**Curadoria Conversas**

**Curadoria Três Fronteiras**

**Curadoria Zona Franca**

Gabriel **Pérez-Barreiro** (Espanha)

Luís **Camnitzer** (Alemanha/Uruguai)

Alejandro **Cesarco** (Uruguai)

Ticio **Escobar** (Paraguai)

Aracy **Amaral** (Brasil)

Inés **Katzenstein** (Argentina)

Luis Enrique **Perez Oramas** (Venezuela)

Moacir **dos Anjos** (Brasil)

**Tema**

**A terceira margem do rio**

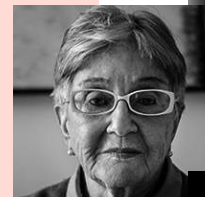
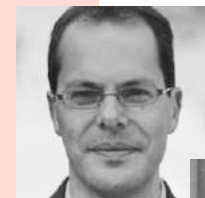


**Locais**

**Armazéns do Cais do Porto**

**Santander Cultural**

**MARGS**



**Curador geral**

**Gabriel Pérez-Barreiro (ESP) - 1970**

**6ª Bienal do Mercosul**

Doutor em História e Teoria de Arte pela Universidade Essex (Reino Unido) e especialista em História da Arte e Estudos Latino-Americanos pela Universidade de Aberdeen (Reino Unido).

Conselheiro da Fundação Iberê Camargo, Pérez-Barreiro é o curador da 33ª edição da Bienal de São Paulo (2017/2018). Diretor da Colección Patricia Phelps de Cisneros, em Nova York e Caracas, foi curador de arte latinoamericana no Blanton Museum of Art da Universidade do Texas, em Austin, EUA, diretor de Artes Visuais da Americas Society de Nova York, coordenador de exposições da Casa de América de Madri e curador-fundador da Coleção de Arte Latino Americana da University of Essex na Inglaterra.



## Coletiva de Pérez-Barreiro sobre a Bienal de Arte de SP de 2018

“Foi a Bienal que me procurou. No início, eu disse não. Fiz a Bienal do Mercosul, seis anos atrás, e fiquei muito satisfeito com o resultado. Entre o que eu queria fazer e o que foi feito não houve uma erosão. O aparelho Bienal, em geral, não é uma coisa que me interessa. O que me fez aceitar foram várias coisas. A Fundação Bienal está num momento excelente, em processo de consolidação quanto à gestão e a missão. Em outro momento eu não teria aceito.

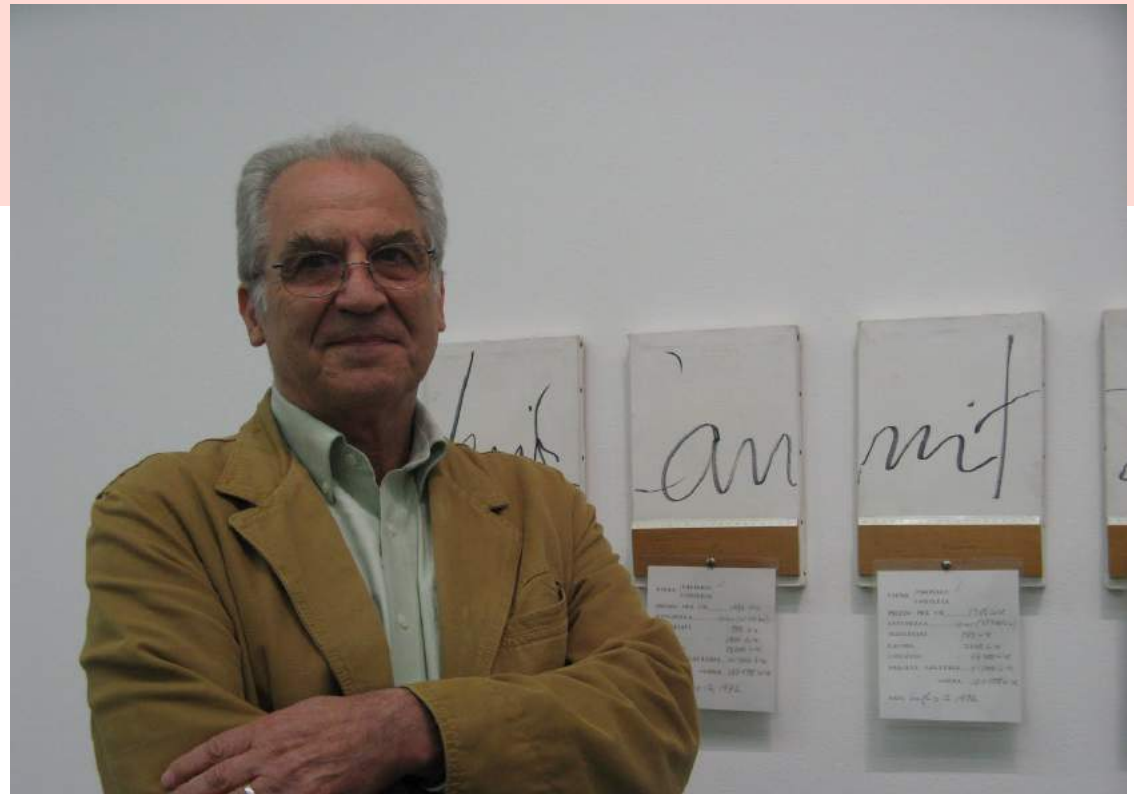
(...)

Tem uns 20 ou 30 anos essa coisa de pegar um tema e fazer uma bienal temática, com muitos artistas, um espetáculo grande. Eu pessoalmente não gosto dessa forma de aproximar da arte. Acho que ele potencialmente limita a leitura que se pode ter. Estou fazendo uma exposição sobre o Mario Pedrosa no Reina Sofía, com Michelle Sommer. Uma coisa que impressiona no Mario Pedrosa é o exercício básico, teórico que ele propõe. Na visão dele, as obras de arte é que devem nos gerar o aparelho de compreensão. É muito do que ele falava da relação afetiva com a obra de arte. Acho que esse modelo curatorial temático vai um pouco contra isso, porque você começa com um assunto e aí sai à procura. E o que eu gostaria de pensar, e esse convite me trouxe, é se seria possível pensar uma estrutura de Bienal que fizesse o contrário. Que tivesse uma relação diferente com a obra de arte que não fosse temática. Essa é a pergunta central que eu estou testando: qual seria a alternativa? Como estaria organizada? Que tipo de pessoa participa? Estou nesse processo. Essa sucessão de perguntas.

(...)

Temos de achar outro sistema operacional. Foi muito importante essa reestruturação que se deu no modelo da Bienal de São Paulo para que ele pudesse ser mais discursivo, mais coerente. Mas agora já está chegando ao final esse ciclo. Vejo muito nos cursos de formação de curadores que o temático é o único modelo. Por que a Bienal não poderia ser, por exemplo, cinco grandes exposições individuais? Seria um modelo não temático. Ou poderia ser um programa de residência de artistas, em que o artista é convidado a fazer o que ele quer fazer e que isso gerasse uma bienal. Existem tantos outros modelos que não temos necessariamente que seguir mantendo o mesmo sistema operacional.

Luis Camnitzer was born in Germany in 1937, grew up in Montevideo, Uruguay, and has lived and worked in New York since 1964. He has made his mark internationally not only as an artist but as a critic, educator and art theorist as well. Formally allied with the American Conceptualists of the 1960s and '70s, over the past 50 years Camnitzer has developed an essentially autonomous oeuvre, unmistakably distinguished from that of his colleagues in the US." In spite of sharing his North American counterparts' interest in language, Camnitzer is not necessarily allied with them formally, as his use of printmaking and other manual processes indicates. He is, however, very much in dialogue with them, being both a product and an instigator of some of the main aesthetic and political changes of the time.



## Entrevista com Luís Camnitzer

<https://arteducatorstalk.net/en/about/>

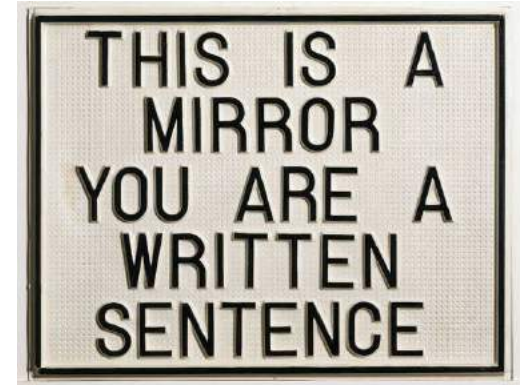
### In which context are you working as an art educator?

**Luis Camnitzer:** I'm an artist, and, one way or another, everything I do is art. That means that I hold art as a reference for rigor: how interesting a problem may be in terms of expanding knowledge, how well a solution fits it, how well the solution is packaged for communication, and how generative it is once communicated. With this as a platform, the educational part becomes crucial and indistinguishable from art. The separation between art and education becomes meaningless. In my older age it seems more efficient to spend time and energy on discussions about education than making little things to be displayed on a wall. Therefore writing and lecturing has taken over the making of things.

### Have you developed a special method or innovative strategy you're working with?

**LC:** When dealing with finished art works I try to not start working with the piece, or to look "through" the piece, but to go around it and see what the conditions are that made the existence of the work inevitable and indispensable. The public is then confronted with a problem to be solved. They should try to solve it anyway they want (art or non-art, the word "art" does not appear yet). With that, the public is embarked in the same process the artist was from the very beginning, and that makes them colleagues rather than consumers. To this effect I present a problem that might have originated the work, then open exercises that are related to the problem, but that don't require art to be worked on, and only after that is done, I show the work of art that initiated the process. At that point the public may decide that whatever they did is better or more accurate, or may be impressed by what the artist did, or by the fact that art was a medium to do it. In either case, there is horizontal dialogue established with artist, rather than a vertical passive acceptance of a ready made object.

## 6ª Bienal do Mercosul



*This is a Mirror, You are a Written Sentence, 1966-68*



*El Viaje, 1991*



## Estrutura curatorial

## 6ª Bienal do Mercosul

### 1. Monografias

Francisco Matto  
Jorge Macchi  
Oyvind Fahlström

### 2. Conversas

Geografia cultural  
artistas convidados por artistas

### 4. Zona Franca

Projetos selecionados por  
curadores internacionais

### 5. Três fronteiras

**Argentina / Brasil / Paraguai**  
Artistas de diversos países  
site specific

### 6. Programa pedagógico

Simpósio Internacional de arte-educação  
*Diálogos*, conexão com a comunidade artística local  
160.000 **estudantes**  
7.570 **professores**  
55 **encontros de formação**



## Artistas da 6ª Bienal do Mercosul – em ordem alfabética

- Adolfo Couve (1940-1998) – Chile
- Alberto Greco (1931-1964) – Argentina
- Alejandro Otero (1921-1990) – Venezuela
- Alejandro Paz – Guatemala
- Alvaro Oyarzún – Chile
- Aníbal López – Guatemala
- Annika Ström – Suécia
- Bárbaro Rivas (1893-1967) – Venezuela
- Beatriz González – Colômbia
- Beth Campbell – EUA
- Ceal Floyer – Paquistão / Reino Unido / Alemanha
- Cecilia Pavón – Argentina
- Chiho Aoshima – Japão
- Cildo Meireles – Brasil
- Daniel Bozhkov – Bulgária/EUA
- Dario Robleto – EUA
- Fernanda Laguna – Argentina
- Fernando Lopez Lage – Uruguai
- Francis Alÿs – Bélgica/México, Cuauhtemoc Medina – México e Rafael Ortega – México
- Francisco Matto (1911 – 1995) – Uruguai
- Harrell Fletcher – EUA
- Jaime Gili – Venezuela/Reino Unido
- Jennifer Allora e Guillermo Calzadilla – EUA e Cuba
- Jesús-Rafael Soto (1923 – 2005) – Venezuela
- João Maria Gusmão e Pedro Paiva – Portugal
- John Baldessari – EUA
- Jorge Gumier Maier – Argentina
- Jorge Macchi – Argentina
- Jose Gabriel Fernández – Venezuela
- Josefina Guillisasti – Chile
- Juan Araujo – Venezuela
- Katie van Scherpenberg – Brasil
- Laura Belém – Brasil
- León Ferrari – Argentina
- Leopoldo Estol – Argentina
- Leticia Obeid – Argentina
- Liliana Porter – Argentina
- Lux Lindner – Argentina
- M7red – Argentina. Mauricio Corbalán e Pio Torroja
- Magdalena Atria – Chile
- Miguel Amat – Venezuela
- Milton Dacosta (1915-1988) – Brasil
- Minerva Cuevas – México
- Muu Blanco – Venezuela
- Nelson Leirner – Brasil
- Nesrine Khodr – Líbano
- Osvaldo Salerno – Paraguai
- Öyvind Fahlström - (1928 – 1976) – Brasil/Suécia
- Pablo Chiuminatto – Chile
- Peter Fischli e David Weiss – Suíça
- Rivane Neuenschwander – Brasil
- Sara Ramo – Espanha/Brasil
- Steve McQueen – Inglaterra
- Steve Reich – EUA
- Steve Roden – EUA
- Sylvia Meyer – Uruguai
- Terrence Malick – EUA
- Walid Raad – Líbano
- Waltercio Caldas – Brasil
- William Kentridge - África do Sul
- Yoshua Okon – México

## 6ª Bienal do Mercosul

## Artistas por Mostras

- Adolfo Couve - Conversas
- Alberto Greco - Conversas
- Alejandro Otero - Zona Franca
- Alejandro Paz - Conversas
- Allora e Calzadilla - Conversas
- Álvaro Oyarzún - Conversas
- Aníbal López – Três Fronteiras
- Annika Ström - Conversas
- Barbaro Rivas - Zona Franca
- Beatriz González - Conversas
- Beth Campbell - Zona Franca
- Ceal Floyer - Conversas
- Cecilia Pavón - Conversas
- Chiho Aoshima - Zona Franca
- Cildo Meireles - Zona Franca
- Cuauhtémoc Medina - Zona Franca (obra conjunta com Francis Alÿs)
- Daniel Bohzkov - Três Fronteiras
- Dario Robleto - Zona Franca
- Fernanda Laguna - Conversas
- Fernando López Lage - Conversas
- Fischli e Weiss - Conversas
- Francis Alÿs - Zona Franca
- Francisco Matto - Monográfica
- Harrell Fletcher - Zona Franca
- Jaime Gili - Três Fronteiras
- Jesús Rafael Soto - Conversas
- João Maria Gusmão e Pedro Paiva - ZF
- John Baldessari - Conversas
- Jorge Gumier Maier - Conversas
- Jorge Macchi - Monográfica
- Jose Gabriel Fernandez - Zona Franca
- Josefina Guilisasti - Conversas
- Juan Araujo - Zona Franca
- Katie van Scherpenberg - Conversas
- Laura Belém - Conversas
- León Ferrari - Conversas
- Leopoldo Estol - Conversas + Zona Franca
- Leticia Obeid - Conversas
- Liliana Porter - Conversas
- Lux Lindner - Conversas
- M7red (Pio Torroja e Mauricio Corbalán) - Zona Franca
- Magdalena Atria - Conversas
- Miguel Amat - Zona Franca
- Milton Dacosta - Conversas
- Minerva Cuevas - Três Fronteiras
- Muu Blanco - Zona Franca
- Nelson Leirner - Zona Franca
- Nesrine Khodr - Conversas
- Osvaldo Salerno - Conversas
- Öyvind Fahlström - Monográfica
- Pablo Chiuminatto - Conversas
- Rafael Ortega – Zona Franca (obra conjunta com Francis Alÿs)
- Rivane Neuenschwander - Zona Franca
- Sara Ramo - Conversas
- Steve McQueen - Zona Franca
- Steve Reich - Conversas
- Steve Roden - Zona Franca
- Sylvia Meyer - Conversas
- Terrence Malick - Conversas
- Walid Raad - Conversas
- Waltercio Caldas - Conversas
- William Kentridge - Zona Franca
- Yoshua Okon - Zona Franca

## Monografias

### **Francisco Matto** Uruguai (1911 – 1995)

“Con una obra de neta continuidade y coherencia a lo largo de décadas, este artista toma del legado torresgarciano aspectos que transforma a medida que aprofundiza en ellos, Su vínculo con el arte de la antigüedad, y las zonas primitivas de expresión contemporánea, deja de ser consigna asumida, para volverse confluencia vital. De una señal de convivencia abarcadora en el tiempo y en el espacio, pasa a ser una forma de reconocimiento que adquiere la dimensión de una comunión espiritual, alcanzando así a lo que considera esencial de lo humano por intermedio de las formas. Un retorno a lo esencial.”

Olga Larnaudie – [www.franciscomatto.org](http://www.franciscomatto.org)

### **Jorge Macchi** Argentina (1963)

“Situações e objetos extraídos do cotidiano são as matérias-primas principais da obra de Jorge Macchi (...) Ao rerepresentar elementos triviais, ao recontar histórias quase invisíveis por sua banalidade, o artista faz despertar uma nova perspectiva de enfrentamento com o dia-a-dia, transformando também o entendimento dessas situações corriqueiras e aproximando-as de uma espécie de ficção. Mais do que testemunhar essas operações, na obra de Macchi, o espectador é percebido como cúmplice, alguém envolvido no gesto do artista e que, em resposta, integra a obra ao depositar nela sua percepção.”

Júlia Rebouças – [www.doobjetoparaomundo.org.br](http://www.doobjetoparaomundo.org.br)

### **Oyvind Fahlström** Brasil/Suécia (1928 – 1976)

“Öyvind Fahlström foi o primeiro a escrever uma defesa da poesia concreta. Seu ponto de partida foi a musique concrète de Pierre Schaeffer, e ele escreveu poemas para serem ouvidos como música e para tornarem a língua sueca mais complexa. (...) Fahlström inventou a “pintura variável” em 1962 logo após se mudar para Nova York. Estes elementos pintados podiam ser anexados a um painel com imãs, fios ou inseridos em cortes no painel. Teoricamente, esses elementos poderiam ser arranjados em qualquer configuração. Em 1965, ele expandiu a variabilidade para uma estrutura tridimensional, *Sitting... Blocks.*”

[www.32bienal.org.br/pt/participants/o/2586](http://www.32bienal.org.br/pt/participants/o/2586)

## 6ª Bienal do Mercosul



- Estruturada pelo discurso curatorial, não em torno de um tema, mas de uma metáfora:
- ***Terceira margem do rio*** (Guimarães rosa), assumida como imagem para refletir sobre a necessidade contemporânea de ultrapassar oposições binárias.

*“Um espaço radicalmente independente, um espaço livre de dogmas e imposições, um lugar de observação”*

- Imagem que pretende conceber a possibilidade de reunir posições antagônicas em um único campo de discussão.
- Contribuição da VI Bienal para pensar alguns impasses e desafios, que se relacionam à história da Bienal do mercosul:
- *I Bienal do Mercosul*, entendida como esforço crítico, empreendido por Frederico Moraes, de estabelecer e estruturar uma compreensão não-eurocêntrica da arte latino-americana. Descrevendo vetores ideológicos, que segundo Pérez-Barreiro, são muito próximos do que seria desenvolvido posteriormente na exposição Heterotopias, no reina Sofia e Inverted utopias em Houston, mas sem a mesma visibilidade (o que considera como sintomático do não reconhecimento das iniciativas latino-americanas.)
- Concebida como uma alternativa regional à Bienal de São Paulo, busca estabelecer um novo eixo/pólo cultural em Porto alegre.
- O curador Gabriel Pérez- Barreiro questiona aspectos do termo Mercosul, por sua falta de visibilidade fora da América do Sul e, bem como refletindo sobre a incapacidade do Mercosul (enquanto estrutura econômico-política), de estabelecer uma efetiva integração regional.
- As Bienais seguintes adotaram um modelo mais tradicional ( de representação por países do mercosul, incluindo o Chile e mais um país convidado)
- Questão problemática deste modelo, que o curador Pérez Barreiro pretende reformular:
- Aspecto repetitivo e predominância dos paradigmas da arte brasileira, sem engendrar uma real integração ( desafios da relativa falta de conhecimento e contato entre países, se traduz nas dificuldades deste projeto curatorial). Apesar destes desafios reconhece a importância dos encontros e trocas propiciados nas Bienais precedentes.

- Três desafios principais: novo modelo curatorial, aproximação do público, reforma estrutural administrativa.
- Novo modelo curatorial: Iniciativa de contratar um curador chefe não-brasileiro, concedendo a ele liberdade para propor um modelo novo.
- Impasse entre a vocação local e internacional da Bienal do Mercosul.

*"Ao servir verdadeiramente a um público local, a Bienal poderia estabelecer um novo modelo ou paradigma capaz de distingui-la numa arena internacional?"*

- Metáfora da terceira margem surge como uma forma de iluminar a questão , propondo um outro caminho diante do impasse. Propor um modelo intermediário que escape a um só tempo de uma noção estrita de representação nacional, e de uma ideia de consenso global.
- Voltar-se à uma noção de **geografia cultural**, ao invés de uma geografia política.
- Um olhar a partir do Mercosul (enraizado culturalmente) e não do Mercosul: este novo modelo supõe o fim das representações por países, a transformação fundamental que está em jogo consiste em não limitar as escolhas curatoriais ao âmbito estritamente geográfico,
- Idéia de uma **Zona franca**, marcada pelo diálogo, que privilegia a visão de quatro curadores, com liberdade para selecionar trabalhos, instaurando uma **Zona autônoma** a partir de critérios curatoriais que podem ser geográficos, formais, culturais, etc.
- **Moacir dos Anjos** (Rivane Neuenschwander – Brasil, Nelson Leirner – Brasil, João Maria Gusmão e Pedro Paiva – Portugal, Steve McQueen – Inglaterra, Cildo Meireles – Brasil e Francis Alÿs – Bélgica/Cuauhtemoc Medina – México/ Rafael Ortega – México (obra conjunta)
- **Inés Katzenstein** (M7red – Coletivo formado por Mauricio Corbalan e Pio Torroja – Argentina e Leopoldo Estol– Argentina)
- **Gabriel Pérez-Barreiro** (Dario Robleto – EUA, Steve Roden – EUA, Beth Campbell – EUA, Harrell Fletcher – EUA, Yoshua Okon – México, Chiho Aoshima – Japão e William Kentridge - África do Sul
- **Luiz Pérez-Oramas** (Alejandro Otero (1921-1990) – Venezuela, Jose Gabriel Fernandez – Venezuela, Juan Araujo – Venezuela, Bárbaro Rivas (1893-1967) – Venezuela, Muu Blanco – Venezuela e Miguel Amat – Venezuela.)

**Equipe de curadoria:** Gabriel Pérez-Barreiro e Alejandro Cesarco

- Projeto no qual artistas de países do Mercosul, convidam outros artistas com base em **critérios de afinidade**.
- Aspecto inovador: explorar as relações entre os artistas contemporâneos do Mercosul e o cenário artístico global através da possibilidade de conversas entre suas obras, contando com a perspectiva e **colaboração dos próprios artistas**.
- Noção expandida de uma **geografia cultural**, em um olhar que pretende partir do mercosul para dialogar com a realidade global.
- Constituído por nove núcleos distribuídos nos armazéns A3 e A4 do Cais do Porto. O primeiro artista de cada núcleo é escolhido pelo curador. O artista, por sua vez, escolhe dois outros artistas que “dialogam” de alguma forma com seu trabalho. A partir dessa escolha, o curador escolhe outro artista para fechar o ciclo.
- Importante observar que um dos aspectos distintivos deste projeto é o encontro e diálogo entre diferentes linguagens artísticas como a literatura, o cinema e a música.

## Conversas

Núcleo 3 – Liliana Porter

**Escolha da artista:** Leopoldo Estol e Sylvia Meyer

**Escolha da curadoria:** Ceal Floyer

Liliana apresenta a obra *Trabajo Forzado - forced Labor (rope)*, 2006, que traz um emaranhado de fios e, na ponta dos fios, um mínimo cowboy.

- Trazendo para o diálogo um poema do artista *Leopold Estol*.
- Uma música de Sylvia Meyer, compositora uruguaia, intitulada *Loco da atar*, de 2007. Sylvia trabalha seguidamente em parceria com Liliana.
- A escolha da curadoria é um vídeo da paquistanesa Ceal Floyer (*Ink on Paper*, 2002), que mostra uma caneta tinteiro borrando um papel, cuja mancha se espalha aos poucos. Novamente, uma reflexão acerca das **ligações**.

## 6ª Bienal do Mercosul



<http://lilianaporter.com/pieces>

*Gramática estendida*  
*Leopold Estol.*

*Em um pequeno quarto, esticam-se fios, de ponta a ponta, atando tudo o que está por atar. A cadeira à mesa, a mesa ao livro e a caneta que sobre ela repousa. Desde a caneta, o fio cruza o quarto em diagonal até a esquina em que a biblioteca está, atando, um por um, todos os livros. Daí parte para o batente da janela e, em seguida, ao armário em que ata, com uma só volta, as roupas ali penduradas. Depois as gavetas, uma a uma. O rádio sobre o criado-mudo, o criado-mudo, a lâmpada, a caderneta e, um pouco mais adiante, um par de sapatos. Dias mais tarde, à noite, um movimento brusco balança o fio. Ele tropeça e, assim como suas coisas, cai*



## Três Fronteiras

**Equipe de curadoria:** Gabriel Pérez-Barreiro e Ticio Escobar.

- Programa internacional de artistas em residência na zona da Tríplice Fronteira do Mercosul - Paraguai-Argentina-Brasil, baseado no raciocínio central do projeto curatorial desta sexta edição.
- A região limítrofe entre Paraguai, Argentina e Brasil é definida por uma fronteira pluvial, remetendo novamente à Terceira Margem do Rio,
- Projeto que propõe uma reflexão acerca dos **fluxos econômicos, culturais, políticos e lingüísticos** entre países do mercosul, partindo da noção de **fronteira**.

**Artistas residentes convidados:** Aníbal López – Guatemala, Daniel Bozhkov – Bulgária/EUA, Minerva Cuevas – México e Jaime Gili - Venezuela/Reino Unido

## 6ª Bienal do Mercosul



Daniel Bozhkov – Bulgária/EUA -

<http://www.fundacaobienal.art.br/site/pt/artistas/80>

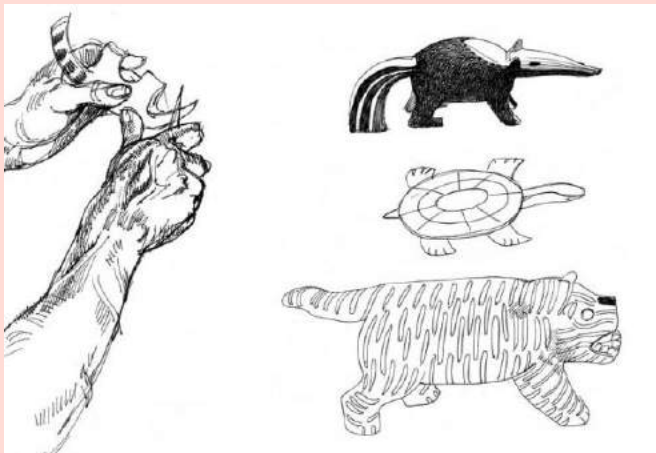
Jaime Gili - Venezuela/Reino Unido

<http://www.fundacaobienal.art.br/site/pt/artistas/81>



## Três Fronteiras

- Aníbal López, Guatemala- López segue o percurso do contrabando desde a Tríplice Fronteira (Brasil/Argentina/Paraguai) até Porto Alegre. Começa atirando caixas no rio no ponto de origem da mesma forma que os contrabandistas (só que as suas caixas estão vazias). López, de certa forma, confirma o mapa circulatório do mercado ilegal como um sistema direcional, criando um paralelo com trilhas de formigas, ou com a configuração dos trajetos dos pássaros em migração sazonal.
- Daniel Bozhkov, Bulgária/EUA- Bozhkov se interessa pela fronteira que existe entre a produção artesanal e o seu consumo. Para o seu projeto, ele se propôs aprender a fabricar pequenas esculturas de animais que são feitas por índios guaranis. Os índios esculpem estes animais para pedir desculpas pela morte que eles sofreram durante a caça. Com isso, Bozhkov quer entrar na produção a partir do ponto de vista do consumidor da escultura, ao invés do ponto de vista do consumidor do produto caçado.



## 6ª Bienal do Mercosul



Aníbal López, Guatemala.

Daniel Bozhkov, Bulgária/EUA.

## Três Fronteiras

- Jaime Gili, Venezuela/Reino Unido- Gili organiza e codifica contribuições anônimas para ajudar a transformá-las numa expressão coletiva. São exemplos: uma fonte de tipografia montada com letras apropriadas de grafites, e o desenvolvimento de um logo coletivo para moto-táxi - a forma mais popular de transporte na tríplice fronteira - baseado numa média das decorações individuais feitas por eles. O artista realiza uma pesquisa e constrói uma tipografia chamada Fuente Triple, baseada em letreiros dos três lados da fronteira. Numa outra parte do projeto, cria e produz uma série de adesivos que distribui gratuitamente para os moto-táxis, que trabalham no local transportando pessoas e mercadorias.
- Minerva Cuevas, México- O ponto de partida da obra de Cuevas é a intervenção social em espaços diversos que vão desde o virtual, da Internet, até o urbano e os museus. Seja ao criar uma empresa distribuidora de produtos e serviços, tais como carteira internacional de estudante e auto-adesivos com códigos de barras cuja função é promover a redução dos preços de alimentos nos supermercados, seja conduzindo experimentos culturais tais como recitais de músicos ambulantes, Cuevas assume o papel ambivalente de protagonista político e artístico.

<http://www.fundacaobienal.art.br/novo/arquivos/midia/1193773064.pdf>

## 6ª Bienal do Mercosul



Jaime Gili, Venezuela/Reino Unido

<http://www.jaimegili.org/img/site-public/taxi/taxi1.jpg>

### Curador pedagógico: Luis Camnitzer.

- Noção de **terceira margem** também é utilizada, para refletir sobre o **espaço de mediação** entre obra e espectador. Sendo, portanto, uma metáfora que irradia na constituição e estruturação de uma **curadoria pedagógica** paralela e não-subordinada à curadoria geral, representada por Luis Camnitzer.
- Desenvolvida de forma dialógica, a partir de reuniões prévias com professores, estudantes e mediadores que haviam participado das edições anteriores da Bienal
- Intenção de romper com a tradição segundo a qual o projeto pedagógico é o último a ser desenvolvido em Bienais, permanecendo à reboque das propostas curatoriais.
- O programa pedagógico tem como objetivo refletir sobre a **relação com o local e o regional**, considerando que o principal público da Bienal são as escolas.
- Preocupação em antecipar trabalhos pedagógicos nas escolas, para ampliar o alcance das visitas.

### Algumas iniciativas principais:

- Materiais educativos
- Convite aos artistas para que formulassem declarações sobre seus trabalhos destinados ao público (20 artistas), textos estes que foram disponibilizados ao público durante a exposição.
- Criação de *Estações pedagógicas*, espaços nos quais o público era convidado a deixar ideias sobre as obras e as visitas. Ideia de criar formas de "transferir ao visitante a responsabilidade da interpretação".
- Reflexão sobre o papel do mediador- referência à filosofia pedagógica de Paulo Freire.

# 8ª Bienal do Mercosul - Porto Alegre 2011

31 países / 105 artistas / 186 obras

95 dias / 600.000 visitantes

**Curador Geral**

**Curador Pedagógico**

**Curadores Adjuntos**

**Curadora Convidada**

**Curadora Assistente**

José **Roca** (Colômbia)

Pablo **Helguera** (México)

Alexia **Tala** (Chile)

Cauê **Alves** (Brasil)

Paola **Santoscoy** (México)

Aracy **Amaral** (Brasil)

Fernanda **Albuquerque** (Brasil)

**Tema**

**Ensaaios de Geopoética**

**Locais**

**Armazéns do Cais do Porto**

**Santander Cultural**

**MARGS**

**Casa M**

**Mostra Cidade Não Vista**

**Aeromóvel**

**Observatório Astronômico UFRGS**

**Viaduto Otávio Rocha**

**Escadaria da Rua João Manuel**

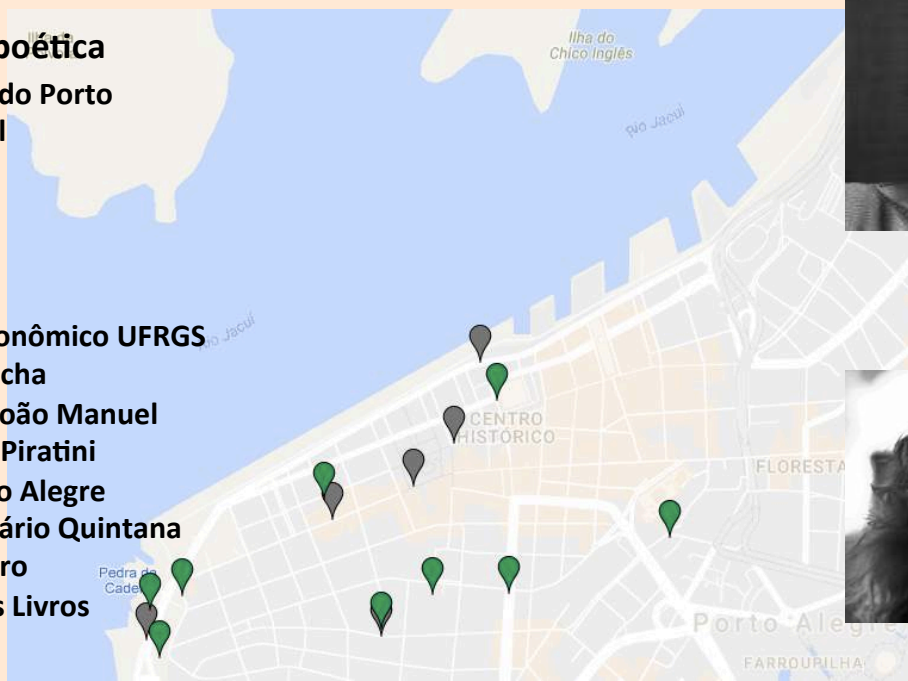
**Jardins do Palácio Piratini**

**Prefeitura de Porto Alegre**

**Casa de Cultura Mário Quintana**

**Usina do Gasômetro**

**Sebo Garagem dos Livros**



José Roca is a Colombian curator working from Bogotá. He is currently the Artistic Director of FLORA ars+natura, an independent space for contemporary art in Bogotá, and Curator of the LARA (Latin American Roaming Art) Collection. From 2012 to 2015 he was the Estrellita B. Brodsky Adjunct Curator of Latin American Art at Tate, London. He managed for a decade the arts program at the Banco de la República in Bogotá. Roca was a co-curator of the I Poly/graphic Triennial in San Juan, Puerto Rico (2004), the 27th Bienal de São Paulo, Brazil (2006) and the Encuentro de Medellín MDE07 (2007), and was the Artistic Director of Philagrafika 2010, Philadelphia's international Triennial celebrating print in contemporary art. He served on the awards jury for the 52nd Venice Biennial (2007), and was the chief curator of the 8 Bienal do Mercosul in Porto Alegre, Brazil (2011). He is the author of *Transpolitical: art in Colombia 1992-2012* (with Sylvia Suárez), and *Waterweavers: A Chronicle of Rivers* (with Alejandro Martín), published by the Bard Graduate Center in New York in conjunction with the exhibition *Waterweavers: The River in Contemporary Colombian Visual and Material Culture* (2014). Lives in Bogotá.

<https://joseroca1962.wordpress.com>

Universidad Nacional de Colombia, Bogotá  
B.A. Architecture, 1987

Ecole d'Architecture Paris-Villemin, Paris  
M.A. Design and Management of  
Cultural Buildings, 1993

The Museum of Modern Art, New York  
Latin American Museum  
Professionals Workshop, 1998

Whitney Independent Study Program, New York  
Critical Studies Fellow, 2001-2002



## Curadorias

## 8ª Bienal do Mercosul

- Waterweavers: The River in Contemporary Colombian Visual and Material Culture**, Bard Graduate Center, New York; Centro Conde Duque, Madrid, and Art Museum of the Americas, 2014-15 (with Alejandro Martín)
- Sextaanisqatsi, desorden habitable**, Museo MARCO, Monterrey, and San Ildefonso, Mexico DF, 2012
- Protografías**, Survey of the work of Óscar Muñoz: Museo de arte del Banco de la República, Bogotá; Museo de Antioquia, Medellín; MALBA, Buenos Aires; MALI, Lima; Museo La Tertulia, Cali; Jeu de Paume, Paris, 2011-14 (with María Wills)
- 8 Bienal do Mercosul, Essays on Geopoetics**, Porto Alegre, Brazil, 2011
- Muntadas: Information, Space, Control**, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brazil, Museo de Antioquia, Medellin, and Bronx Museum, New York, 2011-12 (with Alejandro Martín)
- Regina Silveira: 1001 Days and Other Enigma**, Fundação Iberé Camargo, Porto Alegre, Brazil, 2011
- Ver para Creer**, Bienal de Arte Paiz, Guatemala, 2010
- Välparaíso/Intervenciones**, a series of urban interventions in Valparaíso, Chile, 2010
- Philagrafika 2010: The Graphic Unconscious**, a multi-sited festival of contemporary art, Philadelphia, 2010
- Imprints for a Fleeting Memorial**, Survey of the work of Óscar Muñoz, Galerie de l'UQAM, Montreal, 2009
- Linha de Sombra**, Survey of the work of Regina Silveira, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2009
- Other Florae**, Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2008
- Imprints for a Fleeting Memorial**, Survey of the work of Óscar Muñoz, Prefix Institute of Contemporary Art, Toronto, 2008
- Objetivo Subjetivo**, Survey of the work of Miguel Ángel Rojas, Museo de arte del Banco de la República, Bogotá, 2007
- Sombra Luminosa**, Survey of the work of Regina Silveira, Museo de arte del Banco de la República, Bogotá, and Museo de Antioquia, Medellín, 2007
- Co-curator of the **Encuentro de Medellín MDE07**, with Ana Paula Cohen, María Inés Rodríguez, Jaime Cerón, Óscar Muñoz and Alberto Sierra. Museo de Antioquia and several venues in Medellín, Colombia, 2007
- Co-curator of **Cart[ajena]**, with Jorge Díez. Cartagena, Colombia, on occasion of the Congreso de la Lengua Española, 2007
- Phantasmagoria: Specters of Absence**, Independent Curators International New York, and Museo de arte del Banco de la República, Bogotá, traveling exhibition 2007-2009
- Co-curator of the **27th São Paulo Bienal: Como Viver Junto**, with Lisette Lagnado (chief curator), Rosa Martínez, Cristina Freire, Adriano Pedrosa and Jochen Volz. Bienal pavillion, Parque Ibirapuera, São Paulo, Brazil, 2006
- Co-curator of the **Trienal Poli/gráfica de San Juan**, Puerto Rico, with Mari Carmen Ramírez (chief curator), Margarita Fernández Zavala, Harper Montgomery and Justo Pastor Mellado, 2004
- Fe (¿y alegría?)**, Colombian representation to the Bienal de Cuenca, Ecuador, 2004
- Botánica Política**, Sala Montcada, Fundación La Caixa, Barcelona, 2004
- A Taste of the Pain of Others**, Contemporary Video from Latin America. L.A. Freewaves, Los Angeles, 2004
- Traces of Friday**, Institute of Contemporary Art, University of Pennsylvania, Philadelphia, 2003
- Julio Alpuy: The Maker**, Cecilia de Torres gallery, New York, 2003

New York based artist working with installation, sculpture, photography, drawing, socially engaged art and performance. Helguera's work focuses in a variety of topics ranging from history, pedagogy, sociolinguistics, ethnography, memory and the absurd, in formats that are widely varied including the lecture, museum display strategies, musical performances and written fiction. His work as an educator has usually intersected his interest as an artist, making his work often reflects on issues of interpretation, dialogue, and the role of contemporary culture in a global reality. This intersection is best exemplified in his project, "The School of Panamerican Unrest", a nomadic think-tank that physically crossed the continent by car from Anchorage, Alaska to Tierra del Fuego, making 40 stops in between. Covering almost 20,000 miles, it is considered one of the most extensive public art projects on record as well as a pioneering work for the new generation of artworks regarded under the area of socially engaged art.

In 2008 he was awarded the John Simon Guggenheim Fellowship and also was the recipient of a 2005 Creative Capital Grant. In 2011 he was named winner of the International Award of Participatory Art of the Region Emilia-Romagna in Italy. He has also received the Franklin Furnace and Art Matters grants.

Helguera has worked since 1991 in a variety of contemporary art museums, most recently as head of public programs at the Education department of the Guggenheim Museum in New York (1998-2005). Since 2007, he is Director of Adult and Academic programs at the Museum of Modern Art, New York. He has organized close to 1000 public events in conjunction with nearly 100 exhibitions. In 2010 he was appointed pedagogical curator of the 8th Mercosul Biennial in Porto Alegre, Brazil, which took place in September, 2011. He is currently Senior Resident of Location One in New York. He presented a solo exhibition at Palacio de Bellas Artes in Mexico City in 2012.





### [Duo]Decálogo

José Roca

2. Uma exposição não é uma enciclopédia. Ao contrário do enciclopedista, um curador não pode incluir todos os exemplos que ilustram um conceito; somente os que ele encontra e que estão disponíveis. A curadoria cria uma ficção a partir desses fragmentos. Ao reconhecer a impossibilidade de completude, resta apenas tentar evitar a incredulidade do visitante diante de um conjunto de pequenas peças de um quebra-cabeça sem modelo. Como disse Douglas Crimp, citando Eugenio Donato em *On the Museum's Ruins*, o museu se baseia na ficção acrílica de que é possível representar o universo a partir de seus fragmentos. Uma exposição cria uma ficção verossímil, ou, pelo menos, uma ficção na qual queremos acreditar.

6. Uma bienal não é um museu. O museu, baseado na ortodoxia da História da Arte, aspira à verdade. A *Bienal* não tem os pés plantados numa montanha de fatos, é pura especulação. Não busquemos a Verdade, apenas as belas *meias-verdades*, ou mentiras com aparência de álibis: verossímeis, úteis e enfeitadas por um véu de suspeita.

15. Uma bienal não é uma feira de tecnologia. Onde vai ser visto o mais novo, o mais avançado, o nunca visto. Uma bienal, sobretudo no Terceiro Mundo (que geralmente carece de museus com grandes acervos de arte contemporânea ou espaços que exibam a arte de vanguarda), deve apresentar uma mistura de projetos novos e obras existentes. O público local pode apreciar obras importantes que o espectador *blasé* do mundinho artístico achará batidas. Uma bienal não é um *show* de novos talentos, nem o lugar onde os curadores de outras bienais possam vir à caça de talento periférico.

## Ensaio de Geopoética

Descentramento e dinâmica de constante reconfiguração do território,  
eixos supranacionais e transregionais – reconfigurações do território

Tropos conceituais:

- *fronteira* como linha definidora de entidades territoriais,
- *viagem* como possibilidade de relação entre elas,
- *migração* como motor da perda do essencialismo cultural devido ao fluxo e o intercâmbio
- *nomadismo* como possibilidade de experiência transitória de lugar e de múltiplos sentidos de pertencimento.

(José Roca)

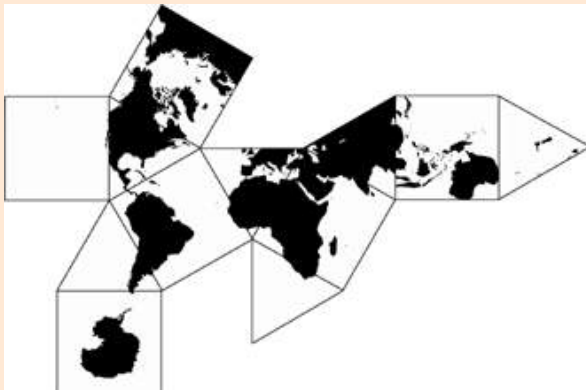
A premissa curatorial da 8ª *Bienal do Mercosul* propõe realizar uma reflexão em relação a todos os dispositivos culturais, políticos e sociais que contribuem para formular o imaginário de nação e de metarregião. Partindo do próprio termo “Mercosul”, que denomina uma região econômica e, por extensão, essa *Bienal*, a proposta curatorial procurou estabelecer alguns questionamentos. Como é construído um país? De que forma a ideia de nação contribui para determinar a forma como nos percebemos e percebemos o nosso povo em relação aos outros? Que papel os processos artísticos têm na fabricação da iconografia nacional?

(Pablo Helguera)

## Projeto Gráfico



*Dymaxion Map* de Richard Buckminster Fuller (inventor e arquiteto) - EUA 1946  
- mapa-múndi inscrito em um *cubeoctaedro*, que permitia romper com a ideia de norte/sul, acima/abaixo, que caracteriza a convenção cartográfica ocidental  
( 3 anos após “nosso norte é o sul” de Joaquín Torres García).



Angela Detanico e Rafael Lain (Caxias do Sul) decompõem o sólido platônico de Fuller em seus componentes geométricos básicos (triângulos e quadrados) e o recompõem em um logotipo com o “8”, onde os fragmentos de território estão propondo um mapa novo e mutável. O logo não é apenas um: o público poderá ver diferentes configurações nas diversas aplicações gráficas que correspondem a outros tantos momentos geopolíticos, fazendo referência a um território em constante reconfiguração.



## Estrutura curatorial

### 1. Casa M

Espaço dedicado à promoção, ao desenvolvimento e ao intercâmbio artístico, localizado no centro de Porto Alegre, com intensa programação cultural.

### 3. Cadernos de Viagem

Expedições de artistas em nove regiões do RS entre abril e agosto, individuais em diversas cidades do RS e, na Bienal, coletiva no Armazém A7 do Cais do Porto.

### 5. Continentes

Seis espaços independentes internacionais com residências artísticas em três cidades: Porto Alegre, Caxias do Sul e Santa Maria.

### 6. Além Fronteiras

Visão crítica da paisagem do Rio Grande do Sul em obras inéditas de nove artistas e peças de acervos de museus do Estado, no MARGS.

### 7. Cidade Não Vista

Obras em nove locais do centro de Porto Alegre (site specific)

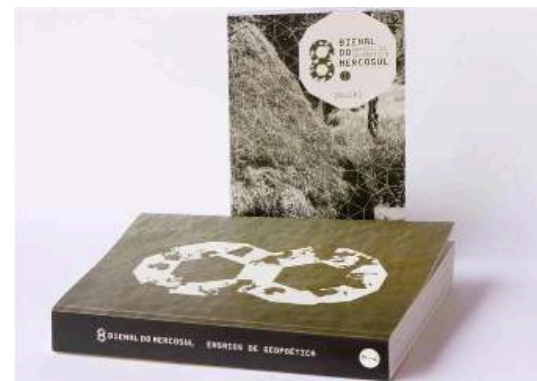
### 8. Geopoéticas

Armazéns A4, A5 e A6 do Cais do Porto, questionando a nacionalidade.  
Micronações com ou sem território zonas de autonomia poética ZAPs.

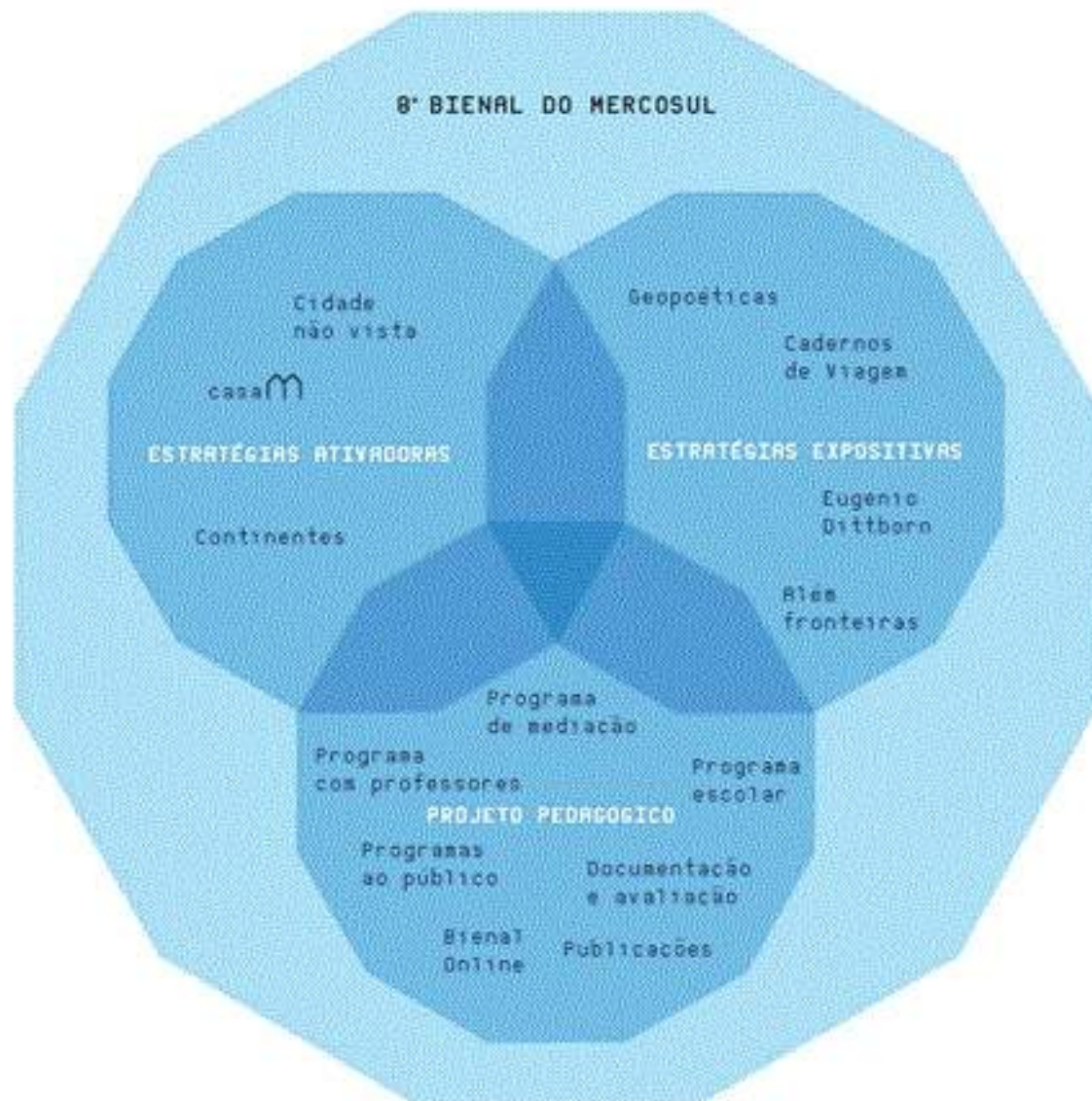
### 9. Exposição Eugenio Dittborn

Pinturas Aeropostais do artista chileno no Santander Cultural, com itinerância em Caxias do Sul, Bagé e Pelotas.

## 8ª Bienal do Mercosul



## 8ª BIENAL DO MERCOSUL



# Geopoéticas

Curadoria: José Roca

Tema: definição crítica de Território

Tópicos abordados pelos artistas:

- mapeamentos
- colonizações
- fronteiras
- aduanas
- tratados
- alianças transnacionais
- construções geopolíticas
- lugares
- viagens
- comunidades.

Perguntas do projeto curatorial:

- Quais são as alternativas à noção convencional de nação?
- Pode haver cartografias que não estejam ao serviço da dominação?
- É possível posicionar o irredutivelmente local como alternativa à globalização?
- Que tipo de cidadania ocorre em um território não urbano?
- Qual é o status político de uma nação ficcional?
- Qual é a relação entre viagem e colonização?

# 8ª Bienal do Mercosul

A mostra explora:

- Signos de pertencimento (mapa, bandeira, hino, escudo, passaporte), relação paisagem/cultura.
- Cartografia – geografia, ideologia e política (possibilidades de subversão na arte). Artistas que usam mapas para promover a mudança social, psicogeografias, rotas de derivas, mapas afetivos e diversas representações do mundo que contradizem as cartografias convencionais.

## **Distribuição por categorias:**

- Armazém A4 : Fronteira, I (Migração), Discurso/ História, Democracia/Republica, Cartografia/ Política;
- Armazém A5 : Conflito e Fronteira
- Armazém A6 : (Geo) Poéticas, Símbolos Nacionais, Mercado/Raça- Questão indígena.

## Artistas

1. Alberto Lastreto
2. Alicia Herrero
3. André Komatsu
4. Angela Detanico / Rafael Lain
5. Anna Bella Geiger
6. Barthélémy Toguo
7. Center for Land Use Interpretation
8. Coco Fusco
9. Cristina Lucas
10. Donna Conlon / Jonathan Harker
11. Duke Riley
12. Edgardo Aragón
13. Eduardo Abaroa
14. Emmanuel Nassar
15. Fabio Morais
16. Fernando Bryce
17. Flavia Gandolfo
18. Francis Alÿs
19. Guilherme Peters
20. Irwin / NSK
21. Iván Candeco
22. Javier & Erika
23. Jean-François Boclé
24. Jon Rubin / Dawn Weleski
25. Jonathan Harker
26. José Toirac / Meira Marrero
27. Juan Manuel Echavarría
28. Kajsa Dahlberg
29. Khaled Hafez
30. Lais Myrrha
31. Leslie Shows
32. Lucía Madriz
33. Luis Gárciga
34. Luis Romero
35. Manuela Ribadeneira
36. Marcelo Cidade
37. Marcius Galan
38. María Teresa Ponce
39. Mark Lombardi
40. Mayana Redin
41. Melanie Smith / Rafael Ortega
42. Miguel Angel Rios
43. Miguel Luciano
44. Pablo Bronstein
45. Paco Cao
46. Paola Parcerisa
47. Paulo Climachauska
48. Raquel Garbelotti
49. Regina Silveira
50. Sanna Kannisto
51. Sealand
52. Slavs and Tatars
53. Torolab / Raúl Cárdenas
54. Uriel Orlow
55. Voluspa Jarpa
56. Yasmín Hage
57. Ykon
58. YOUNG-HAE CHANG HEAVY INDUSTRIES
59. Yanagi Yukinori

“Zonas de Autonomia Poética” (ZAP)

Pequenos territórios simbólicos nos galpões do Porto representando nações fictícias ou reais como Palestina, Sealand, NSK State in Time, Eurasia ou a nação lu-Mien.

*Para aquelas novas construções de nação só resta a possibilidade de uma declaração unilateral de autonomia poética, baseada numa vontade de autodeterminação que desafia as próprias leis das nações em que habitam seus “cidadãos” .*

José Roca



Sealand. Setembro 2010.



## Geopoéticas



YKON (Helsinque). *A Geopoetic flag workshop*.



Luis Romero (Caracas). *Cielo*. 2010. Bordado sobre tela.

## 8ª Bienal do Mercosul



Francis Alÿs. Sem título. 2011. Colagem. 12 x 15 cm aprox.



Fabio Morais (São Paulo). *Antilha*, 2011. Instalação com pôsteres fotográficos sobre painéis. 500 cm de diâ



**“ACREDITAMOS, E DEPOIS DESTA VIAGEM MAIS FIRMEMENTE DO QUE ANTES, QUE A DIVISÃO DA AMÉRICA EM NACIONALIDADES INCERTAS E ILUSÓRIAS É COMPLETAMENTE FICTÍCIA...”**

(testemunho de Ernesto Guevara, 14 de junho de 1952, Iquitos, Rio Amazonas (Notas de viagem, Ocean Press, © 2004, 2005))

Alicia Herrero ((Buenos Aires). El viaje revolucionario! Novela navegada [A viagem revolucionária! Romance navegado]. Desde 2010. Projeto multidisciplinar. Coleção Banco de la República, Bogotá. Cortesia Coletivo Tangrama.

[A viagem revolucionária! Poster 8ª Bienal do Mercosul, lado B]. 2011. Offset sobre papel.

Curadoria: Alexia Talia

9 artistas - rotas no Rio Grande do Sul por 3 semanas . Ao final do processo, cada artista exibiu resultado para a comunidade do local da viagem. Depois criaram obras exibidas no Cais do Porto.

- **Bernardo Oyarzun** (Santiago, Chile) – Missões Jesuíticas – **aldeia de Koenju** (etnia Mbyá-Guarani).
- **Beatriz Santiago Muñoz** (São João, Porto Rico) – **Caxias do Sul**
- **Kochta & Kalleinen** (Helsinque, Finlândia) – **Teutônia**
- **Nick Rands** (Londres/ Porto Alegre) – **quadrado em torno da cidade de Santa Maria**
- **Maria Elvira Escallón** (Bogotá) – **região das Missões**
- **Marcos Sari** (Porto Alegre) – **Bagé**
- **Marcelo Moscheta** (Campinas) – Pampa – **Barrado Quaraí** – fronteira com Uruguai
- **Mateo López** (Bogotá) – **Ilópolis**
- **Sebastian Romo** (Cidade do México) – **percurso de moto entre Santana do Livramento e Rivera (Uruguai).**



Kochta & Kalleinen. Complaints choir of Teutonia [Coro de queixas de Teutônia]. 2011. Performance. Foto: Fábio Del Re.



Bernardo Oyarzun. Caligrafía. 2011. Linotipias de adobe sobre piso. 600 x 1400 x 50 cm.

Curadoria: Alexia Talia

## ● Cadernos de Viagem

Rota	Artista
—	Beatriz Santiago
- - -	Bernardo Oyarzún
—	Marcelo Moscheta
- - -	K + K
—	M. Elvira Escillón
- - -	Marcos Sarí
- - -	Matéo López
—	Nick Rands
—	Sebastian Romo



Curadoria: Alexia Talia



### ● Cadernos de Viagem

Rota	Artista
-----	Beatriz Santiago
- - - - -	Bernardo Oyarzún
-----	Marcelo Moscheta
- - - - -	Kochta & Kalleinen
.....	M. Elvira Escallón
- - - - -	Marcos Sari
-----	Mateo López
-----	Nick Rands
-----	Sebastian Romo

### ● Eugenio Dittborn

- Bagé - 24 de setembro a 16 de outubro  
Espaço da Maya  
<http://damayeespacocultural.blogspot.com>
- Caxias do Sul - 21 de setembro a 16 de outubro  
Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovas Filho  
[www.caxias.rs.gov.br/centrodecultura](http://www.caxias.rs.gov.br/centrodecultura)
- Pelotas - 27 de setembro a 16 de outubro  
MALG - Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo  
[www.malg-pelotas.blogspot.com](http://www.malg-pelotas.blogspot.com)
- Porto Alegre (ver no mapa ao lado)

### ● Continentes

- Caxias do Sul: Navi - Núcleo de Artes Visuais  
<http://navi-artecaxias.blogspot.com>
- Santa Maria: Sala Dobradiça  
<http://saladobradica.blogspot.com>
- Porto Alegre: Atelier Subterrânea  
(ver no mapa ao lado)  
<http://subterranea.art.br>

Curadoria: Cauê Alves

9 lugares do centro de Porto Alegre – ativação de territórios / interferir na relação cotidiana:

- **Pedro Palhares** (São Paulo) - **Aeromóvel** – ruína urbana antes da inauguração
- **Paulo Vivacqua** (de Vitória, vive no RJ) - **Observatório Astronômico** - valor arquitetônico e cultural
- **Marlon de Azambuja** (gaúcho vive em Madri) - **Viaduto Otávio Rocha** - valor arquitetônico e cultural
- **Oswaldo Maciá** (de Cartagena, vive em Londres) - **chaminé da Usina do Gasômetro**
- **Santiago Sierra** (Madri) - **jardim do Palácio Piratini**
- **Vitor Cesar** (Fortaleza, vive em São Paulo) - **escadaria da Rua João Manoel**
- **Valeska Soares** (BH, vive em NY) / **O Grivo** (músicos Nelson Soares e Marcos Moreira, BH) - **cúpula da Casa de Cultura Mario Quintana** – valor arquitetônico e cultural
- **Elida Tessler** (Porto Alegre) - **Garagem dos Livros** (espaço literário)
- **Tatzu Nishi** (Japão, vive em Berlim e Tóquio) - **fachada do prédio da Prefeitura Velha** – estátuas com valor histórico, pouco notadas



Valeska Soares / O Grivo. (Shushhhhh.....) prelúdio. 2008/2011.  
Projeto. Cortesia Galeria Fortes Vilaça e Galeria Nara Roesler.



# Cidade não vista

Curadoria: Cauê Alves

- Tatzu Nishi (Japão, vive em Berlim e Tóquio) - **fachada do prédio da Prefeitura Velha**



Projeto para a fachada da Prefeitura Velha. 2011.

# 8ª Bienal do Mercosul



8ª Bienal do Mercosul - Mostra Cidade Não Vista - Paço Municipal - obra de Tatzu Nishi - 09/09/2011  
Flávia de Quadros/indicefoto.com



## Além Fronteiras

Curadoria: Aracy Amaral

O desafio para os artistas convidados para Além Fronteiras foi a opção que deveriam fazer por uma dessas três regiões: os pampas, a região das antigas Missões e a região dos canyons. E, dessa escolha, deveriam extrair para suas presenças na 8ª Bienal uma interpretação visual que registrasse sua poética frente a uma vivência dessas realidades físico-culturais. Assim, convidamos nove artistas de gerações distintas, deliberadamente: do Rio Grande do Sul (Lucia Koch, Carlos Vergara, Marina Camargo, Carlos Pasquetti), de Belo Horizonte (Cao Guimarães), de São Paulo (Felipe Cohen), da Argentina (Irene Kopelman), da Colômbia (Jose Alejandro Restrepo) e um convidado de Israel (Gal Weinstein).

Participações especiais: Glênio Bianchetti, Guilherme Litran, Herrmann Rudolf Wendroth, Iberê Camargo, Lenir de Miranda, Leopoldo Gotuzzo e Pedro Weingärtner.



8ª Bienal do Mercosul - Mostra Além Fronteiras  
Obra de Gal Weinstein, no Mangá  
08/09/2011 - Foto: Lívia StumpfIndicefoto.com

## 8ª Bienal do Mercosul



Jose Alejandro Restrepo. Exorcismo. 2006.  
Videoinstalação. 1,20 x 80 cm. 4'.



## Eugenio Dittborn

Santiago do Chile, 1943

*Pinturas Aeropostais* (desde 1983)

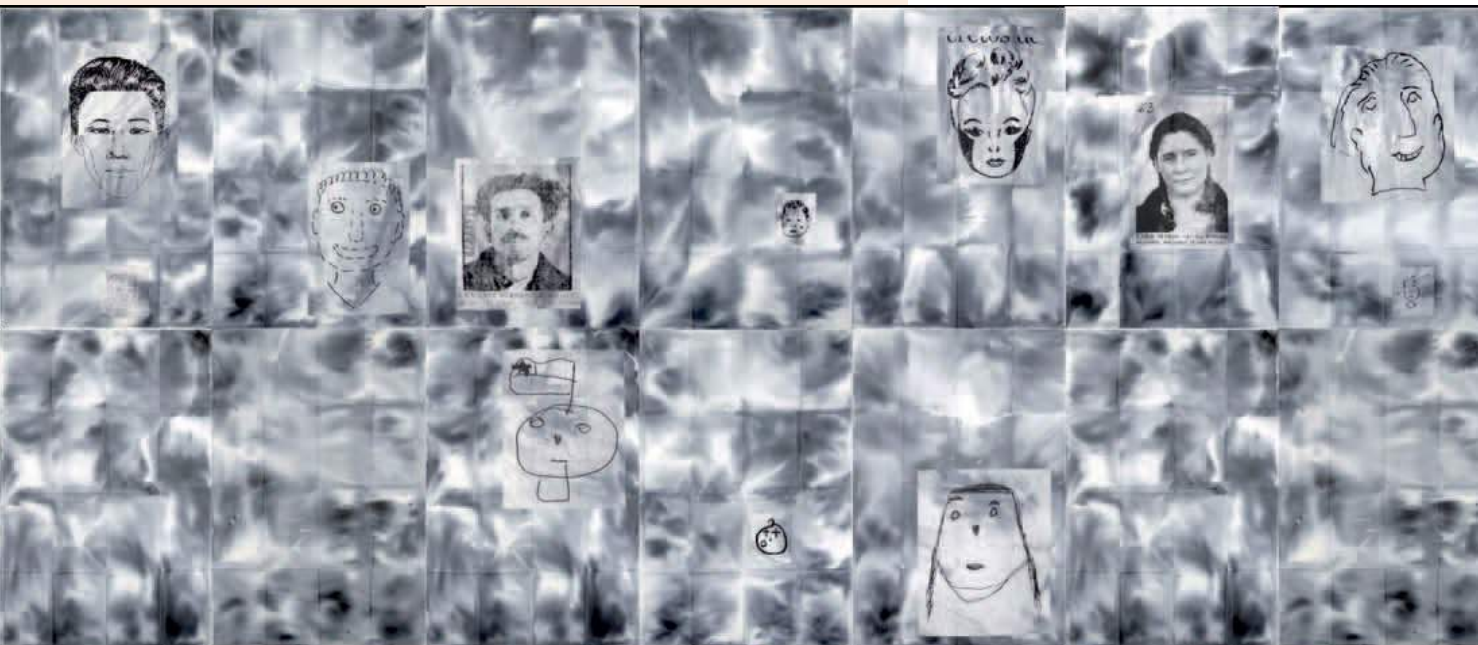
“Os limites a que meu trabalho se impõe são os mesmos a que os jogos se impõem a si mesmos: as dobras marcam e quadriculam a superfície das obras de um modo decisivo. Pode-se dizer que as regras do jogo aerpostal – as dobras – estão visíveis (as regras do jogo estão visíveis). Trata-se de limites que possibilitam que as obras vão além dos limites territoriais, políticos e culturais nos quais se produziram.” (Dittborn)



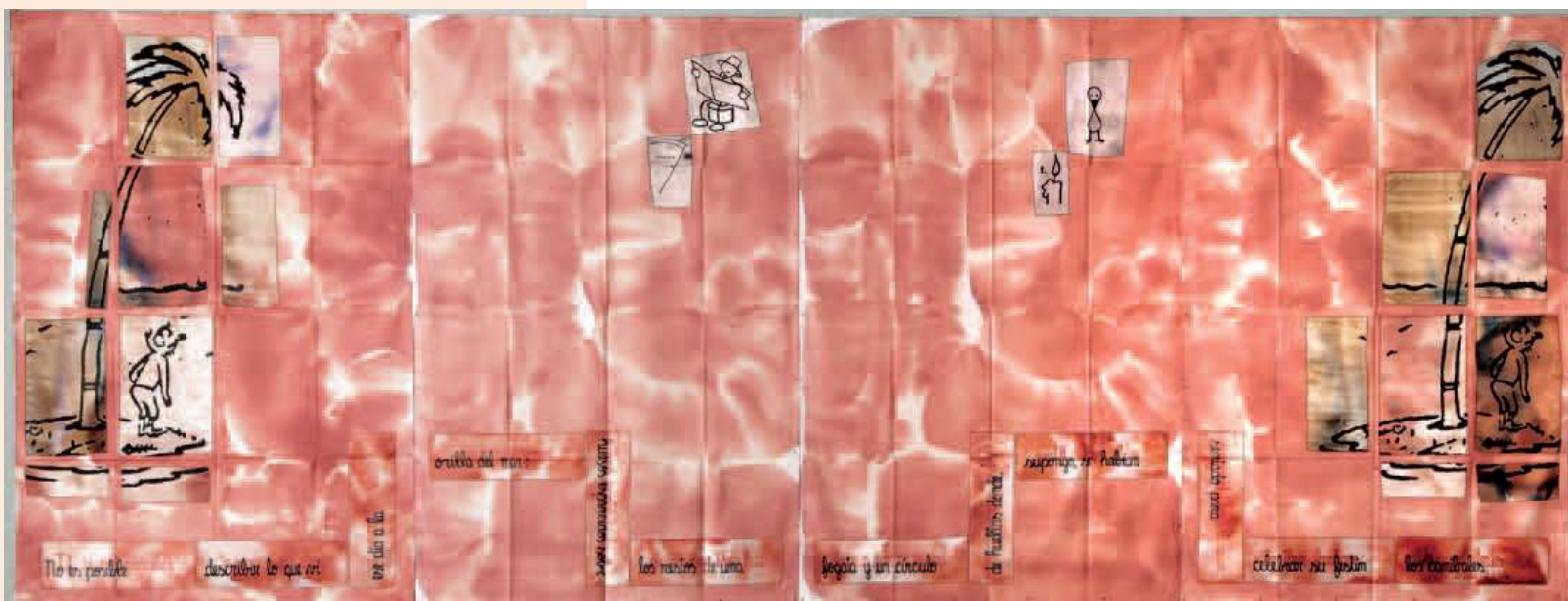
## 8ª Bienal do Mercosul

“A obra de Dittborn baseou-se na transterritorialidade, no nomadismo e nas estratégias para subverter as fronteiras e penetrar os centros sem se deixar neutralizar por eles.” (J. Roca)





La XXVII Historia del Rostro (Lejía). 2004. Tintura, alinhavo e fotoserigrafia sobre lonita Duck. 420 x 980 cm. Cortesia do artista e de Alexander and Bonin, Nova York



Absent feet [Pés ausentes]. 2003. Tintura e fotoserigrafia sobre 4 módulos de lonita Duck. 210 x 560 cm. Cortesia do artista e de Alexander and Bonin, Nova York.

Curadoria Paola Santoscoy

Rede de vínculo de trabalho e colaboração temporária entre 9 espaços independentes da América Latina. Questionamentos e alternativas nos territórios da arte.

*Continentes* está inspirado no projeto *Espacios anfitriones* [Espaços anfitriões], realizado no Encontro Internacional de Medellín de 2007 (MDE07), do qual José Roca foi cocurador.

3 espaços em cidades do Rio Grande do Sul cedem seus locais físicos para 6 outros espaços que vêm de fora. Permanência por 3 semanas desenvolvendo projetos artísticos, exposições e atividades.

- Porto Alegre: **Atelier Subterrânea** recebe **ceroinspiración** (Quito, Equador) e **Diablo Rosso** (Cidade do Panamá, Panamá).
- Santa Maria: **Sala Dobradiça** recebe **Planta Alta** (Assunção, Paraguai) e **Batiscafo / Proyecto Circo** (Havana, Cuba).
- Caxias do Sul: **Núcleo de Artes Visuais (NAVI)** recebe **lugar a dudas** (Cali, Colômbia) e **KIOSKO galería** (Santa Cruz de la Sierra, Bolívia).



## Casa M

Curadoria: Fernanda Albuquerque

A Casa M parte de uma experiência anterior, a Casa del Encuentro de Medellín. Encuentro Internacional Medellín 2007 (MDE07), do qual José Roca foi cocurador.

**AMBIENTES:** área de convivência, ateliê, cozinha, pátio, terraço, sala de leitura (livros e revistas do Núcleo de Documentação e Pesquisa da Fundação Bial e publicações sobre temas e artistas da 8ª Bial), vitrine com exposições.

**AÇÕES:** Intervenções artísticas, mostras na vitrine, performances, sessões de vídeo, pocket shows, debates, cursos, oficinas, conversas, programação para os vizinhos.

**PROGRAMAS:**

- **Combos:** 3 convidados de diferentes áreas compartilham projetos em desenvolvimento.
- **Duetos** – 12 artistas e coletivos de várias linguagens usam a casa como espaço de trabalho – desenvolvem propostas em colaboração. Se apresentam em duplas e oferecem oficinas abertas à comunidade.
- **Residências curatoriais:** 4 curadores de distintos países da América Latina passam 1 semana em Porto Alegre: Clarissa Diniz (Brasil), Karina Granieri (Argentina), Maurício Marcín (México) e Soledad García (Chile).

## 8ª Bienal do Mercosul

**HISTÓRIA:**  
Christina Balbão (1917-2007)  
Artista e professora da UFRGS



Daniel Acosta,  
"Replikashelvesystem"

Curadoria: Fernanda Albuquerque

Casa M

## TERRAÇO

Um espaço de convivência com uma outra visão do Centro de Porto Alegre.

## SALA DE LEITURA

O acervo de periódicos, revistas especializadas, catálogos de artistas e livros sobre arte do NDP - Núcleo de Documentação e Pesquisa da Fundação Bienal do Mercosul - está disponível para artistas e para a comunidade na Sala de Leitura da Casa M. Um terminal de consultas online permite a pesquisa de parte do material sobre a história das Bienais do Mercosul.

## COZINHA/SALA DE REUNIÕES

Abriga reuniões, bate-papos e grupos de estudo conforme a disponibilidade.

## ATELIÊ

Espaço aberto para cursos e oficinas e também de trabalho para artistas que integram a programação da casa.

Seleção de desenhos de Christina Balbão

## VITRINE

A cada mês, um artista convidado desenvolve um projeto para a vitrine da casa.

## CAFÉ DE CASA

Wi-fi, café, chás, água e uma alternativa para um bate-papo.

## PORÃO

Projeções audiovisuais abertas ao público e espaço de experimentação para artistas que integram a programação da casa.



## Projeto Pedagógico

Curadoria: Pablo Helguera

### **PEDAGOGIA NO CAMPO EXPANDIDO - TRANSPEDAGOGIA**

Caráter social do campo expandido na arte: relacional, processual, participativa, dialógica, com ênfase na pesquisa, colaboração e interpretação (elementos de pedagogia).

Ativismo e Arte Socialmente Engajada (SEA).

Propostas:

- Participação na curadoria geral da edição.
- Programa de mediação com estratégias dialógicas - ideias da pedagogia crítica de Paulo Freire e as dinâmicas de grupo de Augusto Boal.
- Projeto de avaliação e documentação de sua ação pedagógica. (Guilherme Vergara e Jessica Gogan)
- Arte para conhecimento do mundo – guias para professores de várias disciplinas e oficinas sobre geografia e história.
- Publicação de um caderno com compilação de textos, diálogos e avaliação.

## 8ª Bienal do Mercosul

“Além da possibilidade de convidar artistas cuja obra incorpora ativamente elementos da pedagogia, o tema da 8ª Bienal, “Ensaio de geopoética”, a meu ver, oferecia também um convite para literalizar a noção de expansão do campo de ação da pedagogia. De modo que, parafraseando o famoso termo de Rosalind Krauss “Sculpture in the Expanded Field”, e pensando no termo “reterritorialização” de Deleuze e Guattari, propus a ideia de se imaginar a pedagogia como um território que possui diferentes regiões. Uma delas, a mais conhecida, situa-se no âmbito da interpretação ou da educação como instrumento para entender a arte; a segunda é a fusão de arte e educação (como a prática artística dos artistas mencionados anteriormente), e a terceira é a arte como instrumento da educação, a qual denominei, na falta de um termo melhor, arte como conhecimento do mundo.” (Pablo Helguera)



Oficina Dominó Poético

<http://oficinasbienalmercosul.blogspot.com.br/>

## Fronteiras e Além Fronteiras – percursos da Bienal do Mercosul

“As concepções e relativizações de fronteiras e territórios para a arte foram estendidas e radicalizadas na 6ª BAVM. No entanto, as alterações começaram a explicitar-se antes, sobretudo na 4ª edição com a curadoria transversal de Hug e na 5ª com a participação dos quatro não-latinos na mostra Fronteiras da linguagem. Na edição de 2007, participaram 68 artistas de quatro continentes (apenas seis eram brasileiros). Eliminou-se a representação nacional (re-introduzidas na 2ª edição) e os artistas foram selecionados por um comitê curador internacional, composto por sete membros de diferentes nacionalidades: um venezuelano e dois uruguaios residentes em Nova York, um brasileiro, uma argentina e um paraguaio<sup>19</sup>. Não houve núcleo histórico nem artista ou país homenageado. Pela primeira vez o curador geral não foi um brasileiro e, em 2007, também foi criado o cargo, cada vez mais relevante, de curador pedagógico.

Na 6ª BAVM inverteu-se a perspectiva de uma apresentação da arte do Mercosul para um diálogo mais pontual e reflexivo sobre arte, a partir do Mercosul. A Bienal se auto-apresentava agora como um lugar de onde se vê e interage com o mundo e não mais como uma sigla localizadora de procedências da arte para o mundo/ mercado. Sob a metáfora da “terceira margem do rio” o olhar estrangeiro do curador Gabriel Pérez-Barreiro estabeleceu leituras de obras que se desprendem de seus territórios pátrios e se perfilam em sensibilidade estética e construção artística *hors sol*.

## Fronteiras e Além Fronteiras – percursos da Bienal do Mercosul

“Iniciado (esse modelo) pela Bienal de Veneza em 1895, hoje assistimos a divulgação turística e a promoção midiática de bienais em lugares inimagináveis. Longe de significar democratização do acesso à arte, a repercussão desse modelo e o problemático movimento de bienalização, ao mesmo tempo em que ampliam o campo de circulação artística também empurram a arte para um espaço expositivo que não é nem relacional, nem identitário, nem histórico. Revisar a lógica evanescente desses eventos, também foi objetivo no projeto inaugural das Bienais do Mercosul.



Para isso os destaques artísticos deveriam ser eleitos, em cada país participante, a partir de um olhar panorâmico endógeno, autônomo e independente dos ditames do mercado internacional. No entanto, no catálogo da 1ª BAVM, já prevenia Morais que “Na arte brasileira dos anos 90, na criatividade plástica do último lustro do século XX, não existem mais fronteiras”. Com sua curadoria ele constatava que “O que temos, hoje, são re-criações, re-composições, re-leituras, re-apropriações e re-ready-mades”. Noutras palavras, também naquela Bienal que, ironicamente pretendia a descolonização da história da arte, o curador reconhecia a força do *mainstream* internacional. “

Fonte: KNAAK, Bianca. *Arte e Política em trânsito: Bienais do Mercosul*, VI EHA – Encontro de História da Arte – UNICAMP, 2010.  
[http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2010/bianca\\_knaak.pdf](http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2010/bianca_knaak.pdf)